

A IGREJA UNIVERSAL E SUAS “MÍDIAS”: UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE RELIGIÃO, MÍDIA E SECULARISMO

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2022.182838

DOSSIÊ RELIGIÕES: SUAS IMAGENS,
PERFORMANCES E RITUAIS

VITOR MIRANDA CIOCHETTI¹

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-4566-0518>

Pesquisador Independente, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

Neste artigo, propõe-se pensar a reconfiguração do secularismo brasileiro, marcada pelo ativismo evangélico pentecostal na esfera pública e o consequente declínio da hegemonia da Igreja Católica no país. A partir de uma revisão crítica da literatura sobre religião, mídia e secularismo, tomamos o Templo de Salomão, da Igreja Universal do Reino de Deus, como objeto privilegiado desta reflexão. Analisando a visibilidade midiática de algumas cenas e narrativas sobre o Templo de Salomão, apontamos para a importância da incorporação de novas mídias no repertório religioso da IURD como fator de transformação das práticas de mediação religiosa em curso no país. Busca-se sustentar que as dinâmicas de publicidade da formação estética inspirada em uma concepção mítica de Israel, materializada nos mais diversos objetos, edifícios, cerimônias, gestos, performances e símbolos pelas igrejas pentecostais, tornaram-se um fator importante para a emergência do Pentecostalismo como uma religião pública.

KEYWORDS
Religião;
Pentecostalismo;
Mídia; Templo de
Salomão; Igreja
Universal do Reino
de Deus.

1. Esse artigo apresenta os resultados obtidos na pesquisa de Iniciação Científica “O sagrado televisionado: perspectivas sobre o Templo de Salomão” (2019-2020), vinculada ao projeto temático “Direito, Religião e Secularismo: a reconfiguração do repertório cívico do Brasil Contemporâneo” e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, Processo 18/21726-3).

ABSTRACT

This article discusses the reconfiguration of Brazilian secularism, marked by Pentecostal evangelical activism in the public sphere and the consequent decline of the hegemony of the Catholic Church in the country. From a critical review of the literature about religion, media and secularism, we consider Universal Church of the Kingdom of God's (IURD) greatest center, Solomon's Temple, as the privileged object of this analysis. Observing the media visibility of some scenes and narratives about the Solomon's Temple, we sustain that the incorporation of new media into the IURD's religious repertoire has transformed the practices of religious mediation in the country. Our objective is to demonstrate that the publicity dynamics of aesthetic formation—inspired by a mythical conception of Israel and materialized in a diversity of objects, such as buildings, ceremonies, gestures, performances and symbols, by Pentecostal churches—became an important factor for the emergence of Pentecostalism as a public religion.

TRANSLATION

Religion;
Pentecostalism;
Media; Solomon's
Temple; Universal
Church of the
Kingdom of God.

INTRODUÇÃO

A visita do presidente Jair Bolsonaro no Templo de Salomão, em São Paulo, em setembro de 2019, tornou-se manchete no Domingo Espetacular, da TV Record, a qual Edir Macedo é proprietário: “Jair Bolsonaro visita o Templo de Salomão e é recebido por Edir Macedo”². Catarina Hong, jornalista responsável pela reportagem, narra a passagem de Bolsonaro pelo Templo, explicando detalhadamente o significado de cada feito e cada palavra do presidente. A repórter ressalta a todo momento o clima amistoso do encontro entre duas autoridades públicas, uma religiosa e a outra política. Uma cena destaca um gesto de cortesia do bispo, que oferece uma Bíblia de presente a Jair Bolsonaro, dizendo ser “essa é a palavra de Deus...é o melhor presente que eu poderia lhe dar”. Outra cena nos é apresentada: um passeio das duas autoridades pelo Templo, em que o presidente pôde fazer o passeio pelo *Jardim Bíblico*, espaço de turismo religioso de caráter educativo sobre as histórias bíblicas do povo judeu. Contudo, um dos pontos de maior repercussão não apenas na reportagem, mas na grande imprensa e na opinião pública, foi a cena da cerimônia religiosa no Templo de Salomão, lotado em sua capacidade de agregar 10 mil pessoas, na qual Jair Bolsonaro é *consagrado* por Edir Macedo.

2. A reportagem está disponível na plataforma Youtube neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=HAIuU5jn4hM>. Data de acesso: 19 de julho de 2021.



IMAGE 1
Imagem retirada da reportagem “Bolsonaro vai ao Templo de Salomão e é abençoado por Edir Macedo” do jornal O Globo, publicada em setembro de 2019.³

A reportagem do Domingo Espetacular apresenta o momento da consagração, destacando as falas nas quais o bispo faz referência a Bolsonaro “como escolhido de Deus para governar a nação”. Mas algumas partes, que foram destaque na “grande imprensa”, parecem ter sido omitidas pela reportagem, logo após a consagração de Bolsonaro por Edir Macedo. Após o presidente descer do púlpito, Edir Macedo conversa com o público: “Ele vai arrebentar...Vamos continuar orando pelo nosso presidente. A mídia toda é contra ele e eu sei o que é isso, porque nós vivenciamos os infernos da mídia, as pancadarias dela, porque ela é “imprensa marrom”, mas hoje estou aqui...”.

Na fala do bispo, percebe-se como as “mídias” estão no centro das disputas políticas contemporâneas em torno da produção de visibilidade de narrativas e discursos na esfera pública brasileira. Essa cena, em que busquei reconstruir a passagem de Bolsonaro pelo Templo de Salomão, nos parece ser significativa para apresentar como a visibilidade de certos discursos e gestos performativos configuram as controvérsias religiosas que se tornam objeto do debate público. Não é recente que a Igreja Universal - a encabeçadora do movimento neopentecostal no Brasil, segundo Ricardo Mariano (2004) – atua de forma destacada na produção de controvérsias que desafiam a ordem jurídico secular pelo seu ativismo nas mais variadas arenas públicas. Como define Ronaldo de Almeida, o grupo liderado por Edir Macedo seria um grupo religioso-midiático-político e representativo da nova onda conservadora no Brasil (2019). Pensar o modo de articulação dessas arenas, deste modo, torna-se um desafio necessário para se repensar o papel que as religiões vêm desempenhando na esfera pública brasileira nas últimas décadas.

3. Link de acesso: <https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-vai-ao-templo-de-salomao-e-abençoado-por-edir-macedo-23920121>. Data de acesso 20 de julho de 2021.

Este artigo tem por objetivo explorar alguns conceitos e perspectivas teóricas postos no campo sobre “mídia e religião”, com o intuito de articular este debate com os estudos que se propõem a pensar as “religiões públicas”. Nesta análise, tomamos o Templo de Salomão em seus modos específicos de produção de visibilidade pública como objeto da reflexão. A partir de uma revisão crítica da literatura sobre mídia, religião e secularismo, propõe-se a pensar o Templo sob a luz da reconfiguração do secularismo brasileiro em diálogo com as transformações mais amplas das mediações religiosas que estão ocorrendo na arena pública brasileira.

Segundo Paula Montero (2015), a expansão evangélica pentecostal tem colocado em disputa a configuração do “pacto de laicidade” em seus principais fundamentos que vigoravam desde a criação da República, sugerindo que seu resultado aponta para a mutação da configuração do pluralismo religioso. Acredita-se, portanto, que a reformulação da concepção clássica de religião, caudatária do referencial normativo católico, passa por uma nova configuração tendo em vista a crescente influência do Pentecostalismo, especialmente em sua vertente neopentecostal, na esfera pública brasileira. Nessa linha, a hipótese que conduz este trabalho busca sustentar que o Templo de Salomão pode ser pensado como o reflexo da emergência do Pentecostalismo como uma religião pública, na qual seu modo específico de produção de visibilidade afeta, ao mesmo tempo, o que entendemos por “religião” e também “espaço público”.

Como afirma Montero: “Colocar a questão da religião pública em termos das suas dinâmicas de publicização implica em nos perguntarmos sobre o público cuja atenção se quer capturar” (2016, 142). A autora apropria-se do conceito *religiões públicas*, de José Casanova (1994), para pensar a religião como modos de se fazer públicos. Para Casanova, as religiões se tornam públicas quando começam a atuar em três diferentes arenas: “... quando se insere no aparato de Estado, quando penetra o sistema político e quando se transforma em uma força política mobilizadora no nível da sociedade civil.” (Montero 2018, 28). Como já abordaram Machado e Burity, um dos principais aspectos pelos quais o Pentecostalismo se tornou uma religião pública foi justamente pela “(..) adoção de um modelo corporativo de representação política pelo lançamento de candidaturas oficiais por parte da IURD” (2014, 606).

No caso aqui pretendido, defendemos que outro fator a ser destacado diz respeito à religião pública enquanto força política mobilizadora de invenção e afirmação da sociedade civil a partir de uma concepção crítica ao conceito clássico de religião, o qual supõe a incorporação de uma coletividade de fiéis em uma base comunitária centrada na Igreja. Diferentes autores defendem a perspectiva de que tal conceito não seria mais capaz de abarcar a intensa circulação de atores pelas mais variadas arenas que

atuam em nome da religião e os modos como as religiões se apresentam no espaço público (Montero, Silva e Sales, 2018; Teixeira, 2019; Ciochetti, 2020). Assim, argumentam os autores que pensar a religião centrada na relação entre igreja e fiéis torna-se insuficiente diante da produção de novos entendimentos sobre o próprio conceito de religião.

Ao encontro dessa perspectiva, buscamos sustentar que a incorporação de diferentes mídias em articulação com as arenas religiosa e política redimensionou a visibilidade do Pentecostalismo na esfera pública brasileira. Como argumenta Jacqueline Teixeira, os diferentes tipos de mídia “(...) são fundamentais no exercício de aparição de corpos e na produção de um sujeito que emerge da ação de sua performatividade junto ao público.” (2019, 71). Deste modo, sugerimos que as mídias podem ser pensadas como centrais nos processos de produção de visibilidade de certas cenas performativas religiosas que ganham ampla circulação no domínio público. Sabendo que a adoção de novas mídias no repertório religioso envolve constantes negociações, é relevante pensarmos, como sugere Birgit Meyer, como a incorporação de novas mídias pelas igrejas pentecostais torna-se um fator de transformação da mediação religiosa (2019, 63). Acredita-se, portanto, que a articulação do conceito de mídia com as dinâmicas de publicidade da religião pode ser produtiva na medida em que as mídias possibilitam ampliar a visibilidade de certas cenas performativas, de repertórios de ação e de formas sensoriais que os atores se utilizam para torna-la pública.

Primeiramente, pensando o conceito de mídia como um fator fundamental de produção de visibilidade pública, buscamos explorar o duplo sentido que o conceito abarca: tanto aos processos de midiaticização quanto às formas de mediação da religião, destacando algumas mídias que a IURD incorporou em seu repertório religioso consideradas como relevantes para a literatura socioantropológica. A partir disso, buscamos articular uma perspectiva teórica sobre mídia e religião com o conceito de religiões públicas por meio da análise das dinâmicas de publicidade e das mediações religiosas feitas pela IURD sobre o Templo de Salomão. Por fim, analisamos como essa formação estética se difunde no meio pentecostal e torna-se um fator fundamental sobre como este segmento religioso tem se apresentado na esfera pública brasileira.

MIDIATIZAÇÃO, MEDIAÇÃO E AS “MÍDIAS” DA IGREJA UNIVERSAL

Detendo-nos sobre o conceito de mídia para explorar suas potencialidades teóricas e analíticas, buscamos examinar algumas teorias para pensar a relação entre “religião e mídia”. Neste campo de estudos, dois conceitos são relevantes para a discussão: o de midiaticização e o de mediação. A partir de um recorte interessado para esta análise, explorar a potencialidade desses conceitos pode ser útil para avaliarmos criticamente algumas

proposições teóricas colocadas pela literatura sobre o Templo de Salomão. Começamos pelo primeiro, o de mediação.

Segundo Livia de Silva Souza (2014), Stig Hjarvard é considerado como um dos principais expoentes sobre o conceito de mediação. De acordo com Hjarvard (2012), o conceito de mediação inaugurou um novo campo teórico que se debruça sobre a influência da mídia, de forma ampla, na sociedade e na cultura. De modo geral, o autor compreende a mediação da sociedade como o processo pelo qual “... a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica.” (idem, 64). O autor também destaca que o conceito de mediação não se confunde com o de mediação, no qual o primeiro surge como uma nova perspectiva teórica em relação aos estudos sobre mediações:

A mediação descreve o ato concreto da comunicação através de um meio em um contexto social específico. Por outro lado, a mediação se refere a um processo mais a longo prazo, segundo o qual as instituições sociais e culturais e os modos de interação são alterados como consequência do crescimento da influência dos meios de comunicação (idem, 66)

Em seus estudos sobre a mediação da religião, o autor analisa o modo como a mídia opera como um agente de mudança e transformação religiosa. Neste sentido, por meio dos processos de mediação, o autor defende que “...a religião está cada vez mais sendo subsumida sob a lógica da mídia, tanto em termos de regulação institucional, conteúdo simbólico e práticas individuais” (2008, 4).

Hjarvard também discute a visibilidade pública das religiões no mundo contemporâneo, argumentando que um fator fundamental de tal visibilidade reside justamente na mediação da religião. Tal perspectiva, segundo o autor, tem sido utilizada para “...reinvindicar um ressurgimento da crença religiosa em geral e para denunciar a ideia de secularização em particular.” (2016, 2). Contudo, contrapondo-se a essas perspectivas, o autor defende a posição de que é possível observar “...um lento e gradual declínio das crenças e práticas religiosas” (idem, p.8). Deste modo, seria possível atestar a validade da tese da secularização, na qual a religião não simplesmente desapareceria, mas afirma que “... a modernidade, incluindo suas condições mediadas, influenciam as formas de imaginações e práticas religiosas que prevalecerão.” (p. 8).

A partir de uma avaliação crítica do conceito de mediação, Luís Sá Martino (2019) propõe um conceito de mediação como *articulação* entre mídias e práticas sociais. Pensar os processos de mediação a partir da noção de articulação, sugerida pelo autor, contrapõe-se às ideias de “influência” ou “efeitos”, proposta por Hjarvard, na qual assumem uma perspectiva “midiocêntrica”, atribuindo um valor desproporcional ao poder

da mídia ao se pensar sobre os “efeitos” (2019, 22). Neste sentido, Martino argumenta que o termo midiatização tem um potencial de superar antigas dicotomias que tratam mídia e sociedade como categorias estanques que operam sob influência recíproca. Deste modo, em vez de pensar “mídia e religião”, a midiatização propõe um novo olhar, como “mídia com” ou “mídia na” religião, reforçando o caráter processual de entrelaçamento e transformação das práticas sociais. Novamente em contraposição à Hjarvard, Martino não abandona o conceito de mediação, já que:

... o elemento tecnológico midiático produz formas de compreensão da realidade que transbordam as fronteiras do campo da mídia, deslocando-se para as mediações. Elas se articulam com outras instâncias da vida humana, como a sensibilidade das pessoas, seus modos de perceber o mundo e compreender a realidade a partir do que Gomes (2006) denominou de uma ‘ecologia’ das práticas comunicacionais (2012a, 224)

Em relação aos processos de midiatização da religião, o autor afirma que eles vêm “... se afirmando como uma característica preponderante de várias igrejas e grupos religiosos, alterando práticas religiosas que são reconfiguradas e repensadas no contexto de uma sociedade igualmente midiatizada” (idem, 220). Neste caso, destaca os processos de midiatização da Igreja Universal:

Na Igreja Universal, liderada por Edir Macedo, a midiatização foi desde o início um dos pontos principais da denominação, acompanhada de elementos fortemente midiáticos – derivados do que Campos (1997) denomina de ‘teatrais’ – em vários aspectos de suas práticas (Kramer, 2005) (idem, 229)

O autor ainda ressalta que o aporte de capital da igreja na compra da Record teria alterado as dinâmicas econômicas do campo midiático (idem, 232). Martino, deste modo, conclui que o processo de midiatização seria um fenômeno de múltiplas variáveis, destacando a articulação entre as características específicas de um movimento religioso com a economia política das mídias. Neste aspecto, ele aponta para um fator de transformação, na medida em que a “... midiatização inclui novos atores no campo, contribuindo para novas dinâmicas e mediações.” (idem, 238)

Martino também propõe a pensarmos como o processo de midiatização vem permitindo à religião redefinir sua presença nas fronteiras entre o público e o privado, explorando algumas dimensões da midiatização da religião “... como fator de destaque para a sua atuação no espaço público enquanto ator relevante de influência na tomada de decisões em um sistema político laico.” (2012b, 122) O autor parte da hipótese de que o processo de midiatização auxilia as igrejas a não apenas a divulgar suas crenças no espaço público, mas de converter sua presença em tomada de decisões. Neste sentido, argumenta que a midiatização das instituições

religiosas permitiu a retomada de sua participação em uma esfera de visibilidade midiática, convergindo para uma nova forma de participação nos negócios públicos.

Martino ainda destaca que “a contrapartida da articulação entre essas duas lógicas é a visibilidade que as instituições religiosas recebem na esfera pública.” (idem, 115). Segundo o autor, partindo da perspectiva de pensar a visibilidade da religião no espaço público, a perspectiva comunicacional tem o potencial de redimensionar o debate sobre a secularização “... na qual a questão da presença/ausência da religião no espaço público pode ser discutida em termos de sua visibilidade/invisibilidade midiática na esfera pública.” (idem, 116)

Partindo da concepção habermasiana de esfera pública, o autor argumenta que a participação e o engajamento dos atores nos negócios públicos envolvem a adequação de sua atuação às regras do jogo em situação de igualdade aos outros participantes em uma democracia deliberativa. Segundo esse raciocínio, o discurso “propriamente religioso” perde validade como argumento, o que exige uma racionalização de sua presença de modo que os princípios defendidos na esfera pública não poderiam ter por base uma argumentação de caráter metafísico:

(...) diante de outras fundamentações para argumentação na Esfera Pública, a religião não pode senão fundamentar seus argumentos em racionalidades que, por definição, não são religiosas, o que cria uma espécie de contradição em termos e parece reforçar, desse modo, a diminuição de sua esfera de influência. É necessário observar que parte considerável do discurso religioso que povoa o espaço público tem sua origem em instituições religiosas altamente midiaticizadas. (idem, 118)

Em contraposição à perspectiva da midiaticização, as contribuições de Birgit Meyer (2019) também apresentam possibilidades teóricas instigantes sobre como as religiões se tornam públicas e como elas afirmam sua presença na esfera pública por meio da transformação da mediação religiosa. Meyer argumenta que pensar a religião como prática de mediação possibilita a ampliação da noção de mídia para além das tecnologias da era moderna, incluindo também substâncias como “... incensos ou ervas, animais sacrificados, ícones, livros sagrados, pedras e rios sagrados, enfim, o corpo humano que se entrega para ser possuído por um espírito.” (idem, 61). Segundo a autora, a rearticulação da religião no modo como ela se apresenta publicamente implica algum tipo de transformação “...por meio da incorporação de novas mídias e por meio de novas formas de mobilização e conexão com as pessoas.” (idem, 44). A partir de uma abordagem crítica dos estudos da midiaticização, ela propõe a sua linha de pesquisa:

Em vez de fundamentar nossa análise numa visão essencialista de comunidade ou de religião como coisas sob o rico de

corrupção pelas forças da midiatização, do entretenimento e da lógica do mercado, é mais produtivo explorar como o uso de mídias eletrônicas e digitais efetivamente configuraram a transformação... tanto das comunidades quanto da religião do nosso tempo. (idem, 63)

Deste modo, a autora propõe deslocar a perspectiva de “religião e mídia” - centrada no uso espetacular de novas mídias como uma “enorme ruptura” -, sugerindo uma abordagem que questione como uma nova mídia interage com mídias anteriores que há mais tempo caracterizam uma prática religiosa. Partindo do entendimento de que a mensagem religiosa é sempre mediada, coloca-se como problema a ser investigado as maneiras pelas quais as pessoas negociam e eventualmente adotam novas mídias (idem, 63).

A autora também defende uma perspectiva sobre os estudos da religião a partir de uma abordagem material “... de modo a apreender como a religião e a mídia se concretizam e geram formas e formações tangíveis na vida social” (idem, 45). Meyer denomina essas formações de *formações estéticas*, buscando superar as limitações da noção de “comunidades imaginadas” propostas por Benedict Anderson (1991 [2008]). Problematisando a ideia de comunidade, ela afirma que seria preciso “... ir além do entendimento de comunidade como um grupo social fixo, delimitado” (idem, 53). Neste sentido, a autora opta pelo conceito de formação para compreender o processo de constituição de uma comunidade a partir de uma perspectiva mais abrangente:

(...) o termo ‘formação estética’ captura muito bem o impacto formativo de uma estética compartilhada através da qual sujeitos são forjados pela modulação de seus sentidos, pela indução de experiências, pela moldagem de seus corpos e pela produção de sentidos; uma estética que se materializa nas coisas. (idem, 54)

A noção de estética, explicita a autora, não se limitaria à uma concepção do “belo”, limitada à esfera das artes e de seu observador desinteressado. Ela recorre a uma abordagem da *aisthesis* aristotélica, que resumidamente consiste no engajamento com o mundo por meio dos sentidos humanos. Supondo que a adoção de uma estética compartilhada é central para os processos de subjetivação, a autora argumenta que a presença pública das religiões pode ser analisada a partir de repertórios religiosos específicos - ou *formas sensoriais* - que são empregados na mobilização de pessoas. Deste modo, as “imaginações” não seriam meros subprodutos de representações mentais, mas se materializam e são experimentadas como reais. As imaginações seriam, portanto, produtoras de formas sensoriais, entendidas como evocadoras e reproduzidas de experiências, emoções e afetos que são compartilhadas pelo *sensu comum* (idem, 53-54)

Neste caminho, Meyer define a noção de formas sensoriais como “... modos relativamente fixos, autorizados, de invocar e organizar o acesso ao transcendental, criando e mantendo, assim, ligações entre as pessoas no contexto de estruturas religiosas de poder específicos”. (P. 64). Não buscamos colocar em questão as formas de acesso ao “transcendental”, tendo em vista que não parece uma abordagem relevante para esta análise. Contudo, é de interesse pensar a questão que a autora se coloca a partir disso, isto é, “... como essas novas mídias impactam as formas sensoriais estabelecidas e, portanto, os estilos estéticos que formam sujeitos e comunidades” (p. 65). Essa abordagem também nos permite observar as formas da mediação da religião no espaço público, estabelecendo regimes de visibilidades e modos de circulação de bens materiais e simbólicos pelos quais sua formação estética é tornada pública – isto é, aquilo que adquire relevância e atenção pública.

Articulando as ideias da mediação religiosa em sua forma de produção de sensibilidades com os seus modos de circulação e compartilhamento global propiciados pela mídia, Jeremy Stolow (2014) argumenta que tal linha de investigação também fornecem contribuições consideráveis para a crítica da teoria da secularização. Neste sentido, Stolow assevera que não haver uma barreira intransponível que segregaria os repertórios de ação dos atores religiosos do aparato do Estado moderno secularizado, ao contrário:

(...) até mesmo as instituições mais declaradamente seculares parecem incapazes de desembaraçar-se das estruturas discursivas e dos repertórios performativos que se originam dentro dessas mesmas comunidades religiosas que as instituições modernas afirmam ter transcendido. (2014, 154)

Ao contrário de sugerir que as formas de manifestações religiosas estariam invadindo um campo de atuação que não seria própria de sua esfera social, o autor parte de uma perspectiva crítica das teorias da secularização que atribuem à religião um papel normativo em relação às suas práticas sociais e ao lugar que ocupa na sociedade. Neste sentido, os repertórios, as formas sensoriais e as formas de ação social consideradas como “religiosas” ou “seculares” se sobrepõem e se reconfiguram a depender do contexto pelo qual as religiões e suas formas de mediação se tornam visíveis.

Nota-se que ambos os conceitos, tanto midiatização quanto mediação, nos fornecem instrumentos analíticos que possibilitam observar as formas de produção de visibilidade das religiões no espaço público. No entanto, apesar de o conceito de midiatização ser significativo para compreender o processo de inserção das religiões nos meios de comunicação, percebe-se que tal abordagem geralmente atribui à religião um papel normativo, tornando-a insuficiente para elaborar uma perspectiva crítica em relação às teorias da secularização. Deste modo, tais teorias não levam em conta a

relevância histórica do papel da religião na construção e gestão do espaço público, ou que suas formas de atuação seriam capazes de reconfigurar a própria ordem secular. Na perspectiva da midiaticização, a religião estaria subsumida à lógica da mídia e sob a influência das mudanças propiciadas pela modernidade, como afirma Hjarvard, ou seria incapaz de impor seus valores religiosos em um sistema político laico, exigindo a adequação de seu discurso às regras do jogo de uma democracia deliberativa, como defende Martino.

Neste sentido, os estudos que se propõem a pensar o Templo de Salomão sob a chave analítica do conceito de midiaticização parecem assumir esses mesmos pressupostos, sem também levar em conta uma perspectiva crítica em relação ao conceito de religião. Além disso, as abordagens ficam restritas a uma perspectiva que, de modo geral, interpretam as religiões sob a metáfora das relações de mercado, em que as igrejas ofertam “bens simbólicos” como uma mercadoria aos seus consumidores/fiéis e, atuando como “empresas”, estão em constante disputa pela adesão de mais fiéis em um modelo de concorrencial.

Nesta linha, Roberto Bazanini et al., que afirmam que o Templo de Salomão promove a espetacularização os serviços religiosos de modo que “... a religião seja orientada não mais a partir do sagrado..., mas das leis regentes do mercado” (2016, 123). Alexandre Bandeira, por sua vez, afirma que a Igreja Universal pratica um canibalismo simbólico como forma própria da IURD em consumir signos das tradições judaicas que estão presentes no Templo, definindo-o como “... processo pelo qual um símbolo é devorado pelo outro”. (2018, 7). Em síntese, o autor afirma que a prática do canibalismo seria uma estratégia de sobrevivência “... num mercado religioso cada vez mais disputado” (idem, 18) e também como uma resposta “... ao minguamento da oferta de novos crentes no mercado neopentecostal” (idem, 7). Bandeira também argumenta que o Templo de Salomão serve para várias interpretações comunicacionais e midiáticas, concluindo que o Templo de Salomão seria um “grande complexo comunicacional, dedicado aos que já estão midiaticizados e inseridos nas práticas da convivência através dos meios e do espetáculo” (idem, 9).

Já Letícia Storto e Marcelo Figueiredo, como base os estudos da argumentação e da comunicação, investigam os efeitos de sentido causados pela arquitetura e pela midiaticização do Templo de Salomão. Os autores argumentam que o Templo de Salomão seria constituído como um cenário luxuoso e pomposo, proporcionando um novo capital simbólico persuasivo para a adesão de mais fiéis, utilizando de recursos midiáticos para promover o Templo. Deste modo, os autores embasam o argumento afirmando, a partir das matérias produzidas pelo *Domingo Espetacular* sobre o Templo de Salomão, que “... fica evidente a interferência da religião na produção

do material. A análise das duas reportagens deixa claro que, mais do que informar, o *Domingo Espetacular* age como um veículo promocional da sede da instituição religiosa (...). (2015, 272).

Ora, como argumenta Paula Montero (2009), ao conceber a esfera pública em termos de mercado, tais perspectivas assumem o suposto normativo implícito de que a religião está “fora de seu lugar”. Deste modo, a religião estaria “... invadindo a esfera pública que deveria ser autônoma com relação às crenças e, em consequência disso, está tornando-se ela mesma mercadoria, ao assumir uma lógica própria aos espaços profanos de consumo de massa” (idem, 8).

Além disso, ao conceber o Templo de Salomão sob as categorias fiel e igreja, tais abordagens parecem ir na contramão do discurso que a IURD mais busca dar visibilidade para o monumento religioso: “uma casa de oração aberta para todos os povos, independentemente de crenças pessoais.”⁴. Assim, acredita-se que, mais do que denunciar a “interferência da religião” na divulgação de seus bens simbólicos no espaço midiático, torna-se mais significativo pensar como a igreja mobiliza a categoria “reconhecimento” para falar sobre o Templo de Salomão. Como afirma Jacqueline Teixeira, durante a construção do Templo de Salomão mobilizaram-se, de inúmeras maneiras, a categoria reconhecimento:

(...) A população da cidade de São Paulo precisava “reconhecer” o Templo de Salomão como dádiva, um espaço de todos, e não um espaço da Igreja Universal, ao mesmo tempo que, quando olhassem para ele deveriam “reconhecer” a identidade da Igreja Universal.” (2019, 61)

Os estudos da mediação, deste modo, parecem ser mais promissores na medida em que propõe, como defende Jeremy Stolow, “...revisar nossa própria compreensão da religião e de seu lugar na vida social humana...” (2014, 155). Ampliando o conceito de mídia para além do uso dos meios de comunicação, isto é, como formas de mediação da religião no espaço público, cabe destacar que construção de grandes templos religiosos no espaço urbano significou uma mudança de paradigma no modo como a IURD foi retratada publicamente ao longo dos anos 90 pela imprensa.

De acordo com Edlaine Gomes (2011), até o final da década de 90, a maioria das sedes da igreja eram em imóveis alugados. A autora argumenta que tal situação suscitou controvérsias sobre o que seriam “espaços de cultura” e “espaços de culto”, tendo em vista que parte dos imóveis ocupados seriam antigos espaços de cinemas e teatros. Segundo Gomes, com a construção de suas próprias Catedrais, a igreja passou a agenciar novas noções de cultura e tradição em seu repertório religioso pela incorporação

4. Retirado do Blog da Igreja Universal: <https://www.universal.org/noticias/post/templo-de-salomao-ha-4-anos-aproximando-as-pessoas-de-deus/>. Data de acesso: 15 de julho de 2021.

de elementos da cultura e simbologia judaica em sua memória coletiva, adotando uma concepção estética inspirada nas narrativas bíblicas do Antigo Testamento na arquitetura de suas Catedrais, a qual a autora denomina como Israel Mítico. Essa dinâmica é interpretada por Gomes como produto de uma política de autenticidade, na qual a igreja busca ser *reconhecida* no espaço urbano como uma forma autêntica de religião.

Nessa direção, Emerson Giumbelli (2014) argumenta que a ereção das catedrais e templos no espaço urbano tem possibilitado a formação de uma cultura visual evangélica que passaria a concorrer com os principais ícones consagrados da Igreja Católica no país, como o Cristo Redentor. A importância dos templos religiosos para a visibilidade e reconhecimento público da IURD, deste modo, não seria fortuita, pois, como afirma Vitor Ciochetti, “...a iniciativa de construir megatemplos religiosos teve como efeito a produção de uma dinâmica de legitimidade da IURD como ‘religião’ na esfera pública brasileira” (2020, 5).

Levando em consideração as perspectivas teóricas apresentadas, dedico-me nas páginas que se seguem à análise descritiva das formas de produção de visibilidade dadas pelos canais televisivos ao Templo de Salomão. Destacam-se especialmente três canais, a TV Record, a Rede TV e o SBT, que, em sua maioria, apresentaram o monumento nos seus programas jornalísticos ou programas de auditório. Nestes programas, busco analisar os processos de midiaticização naquilo que parecem mais interessante, isto é, em relação à sua capacidade de agregar mais atores para a produção de dinâmicas de publicidade da religião. Assim, investigo o modo como o “conteúdo religioso” é performatizado no espaço público televisivo, questionando como este conteúdo se apresenta, a partir de quais atores, o que falam e como falam sobre o Templo de Salomão. Neste aspecto, busca-se pensar como as formas de visibilidade se articulam com as arenas religiosa-midiático-política na produção de cenas de reconhecimento, em que os atores estão constantemente legitimando o Templo de Salomão como um “espaço sagrado”, mas que está “para além da religião”.

Em paralelo, destaco também as formas de mediação religiosa mobilizadas pelo Templo de Salomão, seus modos de articular as noções de religião, cultura e tradição em sua formação estética judaica amplamente compartilhadas pelas mídias. Neste sentido, observamos como a articulação entre as arenas se relaciona com as formas de visibilidade, circulação e compartilhamento no espaço público de certos objetos específicos, tomando a Arca da Aliança, que compõem o Templo de Salomão, como exemplo. Para esta análise, recorre-se também a vídeos publicados no Youtube pela Igreja Universal.

O TEMPLO DE SALOMÃO: MEDIAÇÕES RELIGIOSAS E DINÂMICAS DE PUBLICIDADE

No programa jornalístico Domingo Espetacular, da TV Record, duas reportagens produzidas e de extensa duração sobre o Templo de Salomão se destacam: a primeira, em 2010 (19min33s)⁵, quando a construção do Templo foi anunciada, e a segunda, em 2014 (29min22s)⁶, uma semana após sua inauguração.

As reportagens contam os mínimos detalhes referentes à obra a partir de entrevistas com arquitetos, engenheiros, projetistas, representantes políticos, representantes da religião judaica, com o próprio bispo Macedo e também com parte da reportagem produzida em Israel. Nas falas desses diferentes atores, o Templo é visto como uma obra que impressiona em todos os seus números, sendo retratado em todos os momentos da reportagem como algo inédito na história. “É um desafio uma obra dessa natureza, por ser única, singular, não existe outra e não vão existir outras no mundo”, disse Vitor Stefaneli, engenheiro responsável pelo projeto. Destaco abaixo algumas falas que são apresentadas na reportagem:

o projeto é uma boa ideia, já que uma das características do país é ser multicultural e multirreligioso. **[ministro das relações exteriores do Brasil, Celso Amorim]**

Se lá houver uma possibilidade de as pessoas aprenderem e compreenderem a cultura, a tradição, a ética, história que o povo Judeu trouxe ao mundo, aquele que trouxe ao mundo a ideia do monoteísmo e que hoje faz parte da cultura ocidental, será muito positiva **[David Gorodovits, dir. Centro de Cultura Judaica]**

O Templo vai ser um marco de importância para o povo judeu, porque ele tem a ver com identidade, história e aliança com Deus. **[Rafael Rodrigues da Silva, professor de teologia da PUC de São Paulo.]**

Uma obra de grande impacto, mas que deu pra perceber nesses dois, três anos de tramitação do projeto, com todos os cuidados sendo adotados pela igreja universal. Será um dos grandes templos da cidade de São Paulo. Será um equipamento com características culturais importantes, não é? Será um marco! **[Gilberto Kassab, prefeito de São Paulo na época]**

Nota-se como esses atores reconhecem o Templo a partir de duas características importantes que são ressaltadas em suas falas. A primeira, expressa de modo mais evidente nas falas dos atores políticos Celso Amorim e Gilberto Kassab, diz respeito à sua importância como um “aparelho cultural”. A segunda, que também abarca o primeiro aspecto, consiste em seu vínculo com a cultura e tradição judaica, reconhecido nas falas

5. A reportagem encontra-se disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=NK-qh0XB9gg>. Acesso em 20 de julho de 2021.

6. A reportagem encontra-se disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=sq7dMxi6uLA>. Acesso em 20 de julho de 2021.

como “positivo” e “um marco de importância” na medida em que também contribui, como ressalta David Gorodovits, para o aprendizado da cultura judaica.

Embora o seu reconhecimento como um aparelho cultural se destaque nas falas apresentadas, percebe-se como suas expressões culturais e religiosas estão assentadas em um mesmo lugar: na incorporação de uma concepção mítica de Israel. Assim, ao agregar a fala de diferentes atores que não seriam membros ou lideranças da igreja, a IURD busca produzir uma dinâmica de publicidade ao monumento religioso por meio da visibilidade midiática do vínculo estabelecido com a cultura, história e tradição judaica. Em síntese, essa articulação entre cultura, tradição e religião pode ser compreendida no slogan amplamente difundido: “Templo de Salomão, um pedaço da Terra Santa no Brasil.”⁷

Em outras quatro reportagens analisadas, vemos como apresentadores de programas televisivos de diferentes emissoras tornam-se atores centrais nas formas de publicidade do Templo de Salomão. A primeira, também produzida pelo Domingo Espetacular⁸, apresenta a visita feita pelo apresentador e proprietário da emissora SBT, Sílvio Santos, após um ano da inauguração do Templo, em 2015. O foco da reportagem se concentra em retratar um encontro histórico entre Edir Macedo e Sílvio Santos, após 17 anos do último encontro dos dois. Macedo e Sílvio, concorrentes na disputa pela audiência televisiva, são apresentados em um encontro amistoso em que a reportagem ressalta as qualidades em comum que ambos têm: os dois, nascidos de origem humilde, tiveram que batalhar e enfrentar diversos desafios para se tornarem os homens de sucesso que hoje são. Em diversos momentos, a origem judaica de Sílvio Santos é destacada, sendo relacionada com os objetos e artefatos do Templo de Salomão.

Em meio aos símbolos do judaísmo, Sílvio Santos se recorda de suas raízes espirituais. Sílvio, na verdade, se chama Senor Abravanel, nome dado pela família de origem judaica. (...) No Cenáculo, Sílvio encontra alguns dos principais símbolos da fuga do povo de Israel do Egito. Um deles é o Maná, que representa o alimento que Deus provia aos judeus durante a travessia pelo deserto. Como bom anfitrião, o bispo Macedo ajuda a mostrar cada detalhe. E como bom visitante, Sílvio Santos tira do bolso uma câmera fotográfica.

7. Slogan divulgado no site do Templo de Salomão: <https://www.otemplodesalomao.com/>. Data de acesso: 22 de julho de 2021.

8. Reportagem disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=ubjW7siLC74&list=PL-MaiqflcIniXEMXj-LCUM6nMCzjoZIQZ&index=100>>. Acesso em: 2 de março de 2021.



IMAGE 2
Silvio Santos, Edir Macedo e sua esposa, Ester, no Templo de Salomão. Fonte: Revista Veja

Em outras três reportagens que deram visibilidade o Templo de Salomão, destacam-se diferentes programas de auditório coordenados por artistas reconhecidos no meio televisivo, como o *Programa do Gugu*⁹, da Rede Record, o *Superpop*¹⁰, da apresentadora Luciana Gimenez, da RedeTV!, e o *Programa Raul Gil*¹¹, do SBT.

Essas reportagens encontram similaridade entre si sob dois aspectos. Em relação ao primeiro, nota-se que há uma ênfase em apresentar os detalhes do Templo que o associam à ideia de um Israel Mítico a partir das réplicas do Tabernáculo, da Arca da Aliança, do Jardim das Oliveiras, das pedras trazidas de Israel e do Cenáculo. Essas réplicas, objetos e espaços compõem o que seria o local de “turismo religioso” no qual visitantes podem conhecer “a história do povo judeu” por meio de um passeio temático guiado por um pastor da igreja, vestido à caráter de um sacerdote antigo, que explica pedagogicamente o significado de cada artefato e objeto do espaço. Neste sentido, percebe-se como esse espaço de turismo religioso constitui um ponto central no modo como o Templo se apresenta como um espaço de difusão cultural.

O segundo, consiste no fato essas personalidades publicamente conhecidas nos meios de comunicação legitimarem seu reconhecimento tanto como “um espaço sagrado” como também um espaço “aberto a todos os povos”. Segue abaixo fragmentos das falas dos apresentadores que representam esse aspecto.

É impossível andar por aqui e não se admirar com a beleza do acabamento de cada parte do santuário. Parece que voltei no tempo e estou na antiga Jerusalém [**Gugu Liberato**]

9. Link de acesso à reportagem: <<https://www.youtube.com/watch?v=ofSM-ZGpuU8>>. Acesso em: 2 de março de 2021

10. Link de acesso à reportagem: <<https://www.youtube.com/watch?v=ChpBCxqHPxo>>. Acesso em: 2 de março de 2021

11. Link de acesso à reportagem: <<https://www.youtube.com/watch?v=L--McKp4dj4>>. Acesso em: 2 de março de 2021

E dizer às pessoas, que não importa a religião o que importa realmente é o amor, a paz, e você poder se conectar com algo melhor dentro de si e com Deus. E trazer esse melhor de você, pra sua família os entes queridos, a sociedade, seus amigos. Parabéns, pelo trabalho. Acho que não importa a forma o que importa é que chegue a todo mundo no coração, une os povos. Eu saio daqui diferente. **[Luciana Gimenez]**

O templo do Salomão é um lugar maravilhoso. Um lugar sagrado que mesmo quem não conhece vai conhecer! Você, que é de outro estado quando vai à São Paulo tem que conhecer você nunca viu uma coisa igual tenho certeza, a não ser que for em Israel, mas é uma coisa muito séria. Parabéns, mais uma vez a Igreja Universal do Reino de Deus, ao Bispo Macedo e a todos os Bispos e Pastores. **[Raul Gil]**

Essas falas destacadas, veiculadas nestes diferentes programas televisivos, são significativas para compreender como a produção discursiva feita em nome do Templo de Salomão ganha ampla circulação no mundo social. Atribui-se ao monumento um lugar fora e para além da religião, ao mesmo tempo que incorpora uma forma de expressão do sagrado, inspirada neste imaginário mítico de Israel e que são performadas no espaço público televisivo por meio de diferentes personalidades públicas - artistas, autoridades políticas, profissionais de diferentes segmentos e membros de outras religiões.

Dentre as expressões materiais do sagrado que ganharam maior visibilidade nas diversas reportagens, destaca-se a Arca da Aliança. A Arca da Aliança ocupa uma grande importância na narrativa bíblica do Antigo Testamento, pois seria o local onde ficariam guardadas as tábuas dos 10 mandamentos de Moisés. Pode-se destacar também que a construção do primeiro Templo, construído pelo Rei Salomão, teria sido destinada exclusivamente para abrigar a Arca da Aliança. A localização da verdadeira Arca da Aliança permanece desconhecida e é objeto de intenso debate até os dias de hoje.

As formas de materialização do sagrado expressa na réplica da Arca da Aliança poderiam ser consideradas marginais se não observarmos a ampla publicidade que a IURD busca fazer deste objeto nas mais diversas cerimônias realizadas pela igreja. Na inauguração do Templo de Salomão, como afirma Paula Montero, a Arca da Aliança tornou-se “(...) o elemento central e apoteótico da sacralização do enorme edifício situado no Brás” (“Montero, Silva, Sales, 2018, 137”). Segundo Montero, o reconhecimento pelo público desta expressão religiosa foi exercido de modo articulado com a arena política e midiática. Como argumenta, a entrada da Arca no Templo de Salomão foi realizada por meio de uma performance ritual, encenada diante de um grande público composto pelas mais altas autoridades do estado – com diversos representantes do poder executivo, legislativo e judiciário -, artistas da TV Record, representantes da comunidade judaica, empresários dos meios de comunicação e lideranças religiosas da igreja.



IMAGE 3
Imagem da Arca da Aliança no Templo de Salomão. Fonte: F. de São Paulo.

Além de ser o elemento central na cerimônia de inauguração do Templo de Salomão, a Arca circulou pelos diferentes templos da IURD, no Brasil e no exterior. Em 2018, a Arca da Aliança percorreu os templos e catedrais da Igreja Universal de todos os estados brasileiros, além de outros países, como Moçambique e Angola, em África, na capital do México, cidade do México e na Califórnia e em Los Angeles, no Estados Unidos. Onde passou, a Arca tornou-se objeto de grande espetáculo de encenação religiosa, reunindo multidões em torno das cerimônias realizadas em cada templo e catedral onde passava.

Em sua chegada em cada cidade, a Arca era transportada do aeroporto para cada igreja em um carro de bombeiro, junto a sacerdotes vestidos à caráter. Nas igrejas, uma cerimônia estaria preparada, com um tapete vermelho estendido e uma grande multidão esperando a sua entrada triunfal. Em um vídeo disponível no Youtube da Igreja Universal, é possível ver, em Moçambique, os fiéis mais assíduos acompanhando o carro de bombeiro nas ruas da cidade, produzindo este espetáculo não somente no interior das igrejas. Em Angola, é possível observar, em outro vídeo disponível, a presença do Embaixador de Israel realizando a abertura desta cerimônia.



IMAGE 4
Chegada e entrada da Arca da Aliança em Moçambique, foto retirada do vídeo disponível no Youtube.¹²



IMAGE 5
À esquerda, Oren Rozenblat, embaixador de Israel em Angola. Arca da Aliança em Angola, foto retirada do vídeo disponível no Youtube.¹³

A volta da Arca da Aliança ao Templo de Salomão foi realizada no quarto aniversário do monumento, em 2018. Acompanhado de similar cerimônia ritual, assim como foi feita pelos lugares onde passou – transporte em carros de bombeiro, com grande multidão à sua espera – este evento foi objeto de intensa publicização pela Igreja Universal. Para além dos canais institucionais vinculados diretamente à igreja, a volta da Arca da Aliança ao Templo de Salomão foi amplamente noticiada em reportagens jornalísticas de diversos programas da TV Record: no Domingo Espetacular¹⁴, Fala Brasil¹⁵, Balanço Geral¹⁶ e Cidade Alerta¹⁷. O jornal o Domingo Espetacular produziu uma extensa reportagem, cerca de 13 minutos de duração, ao qual destaco um breve fragmento abaixo:

Desde a inauguração, o Templo de Salomão possui uma réplica da Arca da Aliança, objeto que representa a união entre Deus e os homens. Neste ano, de 2018, a Arca percorreu o Brasil inteiro. Passou, por exemplo, por Brasília, Curitiba, São Luís. Em todos os locais, a entrada da Arca nos Templos da Igreja Universal emocionou milhares de pessoas. Foi assim também em Rondônia, Ceará, Piauí, Rio de Janeiro, Bahia. (...) A Arca também ultrapassou as fronteiras do Brasil. Chegou à África, passou por Moçambique e Angola. Agora, chegou a hora da Arca voltar para casa.

12. Link de acesso: https://www.youtube.com/watch?v=qfHQO_N-nik. Acesso em: 4 de março de 2021

13. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=rbl2fbwT7Y4>. Acesso em: 4 de março de 2021.

14. Reportagem disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GKkxTibyJFo&t=8s>>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

15. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Gg475YG4azo>>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

16. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uEa1gAUzki>>. Acesso em: 15 de julho de 2019

17. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D8WO_7_DkQs>. Acesso em: 15 de julho de 2019.

Como se observa, a igreja expandiu as suas cerimônias, eventos e crenças religiosas para “fora da igreja”, fazendo circular seus objetos nos seus mais diferentes templos e ao dar visibilidade nos meios televisivos de comunicação. Neste sentido, os modos de circulação e compartilhamento desses objetos sugerem uma transformação da mediação religiosa do Pentecostalismo no espaço público, na medida em que produz novas formas sensoriais de devoção e engajamento inspiradas na formação estética judaica em articulação com as arenas religiosa-midiático-política.

Tais aspectos dessa visibilidade midiática tornam-se fundamentais na produção de uma dinâmica de publicidade, na qual se busca congregar a fala desses diferentes atores - por meio da linguagem jornalística e do entretenimento - que reconhecem o valor do Templo como uma expressão religiosa legítima. Suas formas de reconhecimento e publicidade de sua expressão religiosa, por sua vez, vinculam-se de modo específico com seu engajamento político ao capitalizar a presença de autoridades judaicas e autoridades políticas nacionais em suas cerimônias religiosas.

FORMAÇÕES ESTÉTICAS E SUAS IMPLICAÇÕES POLÍTICAS: O ISRAEL MÍTICO E O ESTADO DE ISRAEL

Em relação a presença de agentes judaicos, é possível observar um protagonismo de autoridades políticas ligadas diretamente ao Estado de Israel, com destaque para a figura diplomática do “embaixador”. Além da presença do embaixador de Israel em Angola como figura principal na cerimônia de chegada a Arca da Aliança, podemos destacar, no canal oficial do Templo de Salomão no Youtube, dois vídeos disponíveis nos mostram a presença do embaixador de Israel no Brasil, Yossi Shelley. No vídeo *Embaixador de Israel no Templo Salomão*¹⁸, Shelley é entrevistado por uma repórter de uma equipe do Templo de Salomão. Sendo direcionado pelas perguntas feitas, o embaixador não apenas tece elogios ao monumento, mas destaca sua importância para o povo Israel:

Agora estou pensando que todas as lideranças de Israel, como ministros, devem chegar aqui para ver o trabalho magnífico que é feito para os judeus e para Israel também (...) Israel tem uma grande luta contra o antissemitismo. A maioria das pessoas não sabe o que é Israel (...) é uma oportunidade para as pessoas de ver Israel no Brasil.

Na fala de Shelley, é curioso o modo como ele vincula o Templo de Salomão com a luta contra o antissemitismo. O Templo é reconhecido como um espaço que tem como função social a difusão da tradição, história e da cultura do povo de Israel. Já no segundo vídeo, intitulado *Bispo Macedo e o Embaixador de Israel - Oração por Jerusalém*¹⁹, o embaixador é convidado

18. Link de acesso: < https://www.youtube.com/watch?v=JiYe87lg_3E>. Acesso em 4 de março de 2021.

19. Link de acesso: <https://www.youtube.com/watch?v=Ij-m78oKSTY>. Acesso em 4 de março de 2021.

a um culto religioso em uma homenagem especial ao povo de Israel, guiado pelo bispo Edir Macedo. Pronunciando um discurso ao lado do bispo, Shelley ressalta novamente a importância do Templo de Salomão e do trabalho da Igreja Universal do Reino de Deus para o povo de Israel, enquanto o bispo reforça sua mensagem, como destacado abaixo:

Yossi Shelley: (...) quero agradecer a você (Edir Macedo) por parte do Estado de Israel, o que você faz para o nosso país e para a paz, em todo o mundo, não somente no Brasil. Obrigado!

Edir Macedo: Nós, quando oramos por Israel, nós estamos orando pelo povo escolhido por Deus, do qual nós também estamos inseridos. Amém, pessoal? Quem ora pela paz de Jerusalém, tem a garantia de Deus; prosperarão.



IMAGE 6
À esquerda, foto retirada do vídeo do Youtube *Embaixador de Israel no Templo Salomão*, à direita, foto retirada do vídeo do Youtube *Bispo Macedo e o Embaixador de Israel - Oração por Jerusalém*.

A visibilidade da presença de Yossi Shelley e de suas falas tornam-se paradigmáticas, pois articulam a política e a religião nas formas sensoriais produzidas pelo Pentecostalismo como religião pública. Neste sentido, a formação estética inspirada na concepção mítica de Israel tem sido fator fundamental da transformação da mediação religiosa pentecostal no espaço público brasileiro, de modo que não apenas um novo repertório religioso é incorporado, mas este é produzido com a legitimação e reconhecimento de autoridades políticas, nacionais e internacionais.

PARA ALÉM DO TEMPLO DE SALOMÃO: A PERFORMANCE PENTECOSTAL NO ESPAÇO PÚBLICO

Contudo, pode-se afirmar que a produção de estética mítica de Israel como forma de expressão religiosa não ficou restrita aos monumentos religiosos da IURD. Tal forma ganhou ampla expressão no meio pentecostal nas últimas duas décadas - materializando-se em diferentes objetos, imagens, símbolos, estilos, telenovelas e rituais - e se tornou uma das principais formas produção de visibilidade pública deste segmento, demarcando um lugar de diferença em relação ao imaginário católico e de reconhecimento por parte de autoridades estatais. (Ciochetti, 2020)

O atual presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, soube muito bem capitalizar a simpatia deste segmento, apesar de se afirmar como

católico. Essa guinada política à direita, que se fez presente em boa parte do campo pentecostal, tem sido diagnosticada como o fenômeno da nova onda conservadora no Brasil (Ronaldo, 2017), elegendo a Bolsonaro como “representante dos evangélicos” para a presidência.

Como discorre Ronaldo de Almeida, durante o impeachment de Dilma Rousseff no Senado, em 2016, Bolsonaro encontrava-se no Rio Jordão, em Israel, sendo batizado pelo Pastor Everaldo, membro da Assembleia de Deus e atual presidente do Partido Social Cristão (PSC). Desde então, a presença e visibilidade de Bolsonaro no meio pentecostal tornou-se cada vez maior. Durante sua campanha, em 2018 o então candidato investiu na aliança com as lideranças políticas e religiosas pentecostais, reforçando seu discurso conservador ao apelar para a defesa da família, dos valores morais cristãos e do sentimento antipetista presente na opinião pública.

Mas sua aliança, contudo, não se limitou ao plano da defesa dos valores cristãos. Bolsonaro já participou de diversos ritos, eventos e cerimônias de diferentes denominações pentecostais e que foram objetos de ampla publicidade. No *batismo* no Rio Jordão; na *oração* recebida no Congresso dos Gideões; na *oração* realizada por Magno Malta, ao lado de Bolsonaro, após este vencer a eleição de 2018; na *consagração* recebida por Edir Macedo no Templo de Salomão em 2019, na *oração* feita por diversas lideranças evangélicas no Palácio do Planalto “em favor do Brasil” em 2020 e na campanha de *jejum* feita pelo presidente contra o Coronavírus, Bolsonaro demonstrou não ser apenas um espectador dos eventos religiosos, mas um ator engajado na performatização pública dos ritos e práticas corporais do pentecostalismo.



IMAGE 7
Bolsonaro sendo batizado no Rio Jordão, em Israel.²⁰

20. Fonte: Extra Globo. Disponível em: <<https://extra.globo.com/noticias/brasil/enquanto-votacao-do-impeachment-acontecia-bolsonaro-era-batizado-em-israel-19287802.html>>. Data de acesso: 29 de fevereiro de 2020.



IMAGE 8
Bolsonaro recebendo uma oração no Congresso dos Gideões.²¹



IMAGE 9
Bolsonaro orando após sua vitória eleitoral.²²

21. Fonte: JM Notícia. Disponível em: <<https://www.jmnoticia.com.br/2018/09/10/durante-participacao-no-congresso-gideoes-missionarios-jair-bolsonaro-recebeu-oracao-na-regiao-do-estomago-assista/>>. Data de acesso: 29 de fevereiro de 2020.

22. Fonte: jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/bolsonaro-diz-que-perfil-de-magno-malta-nao-se-enquadrou-em-ministerios.shtml>>. Data de acesso: 29 de fevereiro de 2020.



IMAGE 10
Bolsonaro recebendo a unção de Edir Macedo, no Templo de Salomão²³.



IMAGE 11
Com a presença de diferentes lideranças evangélicas no Palácio do Planalto, Bolsonaro faz oração em favor do Brasil. Foto: Isac Nóbrega/PR²⁴.

23. Fonte: jornal O Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-recebe-uncao-de-edir-macedo-e-bispo-diz-que-presidente-vai-arrebanter,70002992132>>. Data de acesso: 29 de fevereiro de 2020.

24. Foto publicada na página: <https://fotospublicas.com/encontro-com-pastor-silas-ma-lafai-a-presidente-do-conselho-interdenominacional-de-ministros-evangelicos-do-brasil-cimeb/> Data de acesso: 20 de julho de 2021.



IMAGE 12
Campanha do Jejum pelo Brasil. Imagem retirada do vídeo: líderes evangélicos apregoando o jejum pelo Brasil com o presidente Bolsonaro. Do canal oficial do Youtube do Pastor Silas Malafaia²⁵.

Bolsonaro também foi o primeiro presidente da república a participar da Marcha para Jesus em 2019, evento que ocorre todos os anos desde 1993 e compõe o calendário oficial do Brasil desde 2009. A Marcha consiste em um evento internacional, sendo realizada primeiramente em Londres, em 1987, e trazida para o Brasil pela igreja Renascer em Cristo e atualmente é organizada junto com outras denominações evangélicas neopentecostais. Neste evento, agregam-se distintas formas de sociabilidade que o torna uma mistura de uma manifestação religiosa, um comício político e uma festividade carnavalesca. Trios elétricos com músicas por todo caminho, shows com artistas reconhecidos no meio evangélico pentecostal, milhares de pessoas presentes, bandanas, camisetas, bandeiras e adereços personalizados, autoridades políticas e lideranças religiosas compõem o cenário da Marcha.

Em 2019, em São Paulo, o evento religioso serviu também de palanque político não apenas para Bolsonaro, mas também para o prefeito Bruno Covas (PSDB), governador João Dória (PSDB) e para o senador Major Olímpio (PSL). Mas Bolsonaro tornou-se a figura principal do evento e pronunciou um discurso ao lado das lideranças do evento, do apóstolo Estevam Hernandes e bispa Sonia Hernandes - fundadores da igreja Renascer em Cristo -, e do embaixador de Israel no Brasil, Yossi Shelley. A bandeira de Israel tornou-se o principal ícone da Marcha, expressão religiosa e política do evento, carregada por diversas pessoas do público presente, inclusive por Bolsonaro, no momento de seu discurso. Nas duas Marchas que compareceu, realizadas em São Paulo e em Brasília, Bolsonaro buscou tecer elogios à Israel.

[São Paulo] Eu sempre cito Israel quando tenho oportunidade de fazer uso da palavra. Eu costumo dizer: olha o que Israel não tem e vejam o que eles são. Agora cá para nós: veja o que o Brasil tem e o que não somos.

25. Vídeo disponível no link: https://www.youtube.com/watch?v=GhtRIh_v9uo. Data de acesso: 20 de julho de 2021.

[Brasília]. As nossas origens, a nossa tradição, a nossa cultura são judaico-cristãs. (...) Israel só existe porque é um povo que tem fé em Deus. É um exemplo para todos nós.



IMAGE 13
Imagem retirada
do Youtube²⁶.

Tais discursos, além de revelarem o apreço de Bolsonaro à Israel, demonstram também uma nova forma de representar a identidade nacional brasileira a partir da cultura judaico-cristã. Essa narrativa também se fez presente no discurso de posse de Bolsonaro à presidência, quando apresenta seu “plano de governo”: “Vamos valorizar a família, respeitar as religiões e nossa tradição judaico-cristã, combater a ideologia de gênero, conservando nossos valores.”²⁷. Neste sentido, convergem-se a sacralidade atribuída ao povo de Israel com sua importância social e política, promovendo novas formas de engajamento e devoção no espaço público. Para além dos eventos de caráter religioso, a bandeira de Israel tornou-se também um símbolo dos atos antidemocráticos promovidos por Bolsonaro no Palácio do Planalto, ao lado das bandeiras do Brasil e dos Estados Unidos.

26. Fonte da imagem: <https://www.youtube.com/watch?v=GoxGBFrJuac>. Acesso em 4 de março de 2021.

27. Fonte: Jornal Folha de São Paulo. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Data de acesso: 20 de junho de 2020



IMAGEM 14
Imagem retirada do artigo de Guga Chacra publicado no jornal O Globo, em 4 de maio de 2020.²⁸

CONCLUSÃO

Iniciei este artigo com uma problematização em relação ao papel que as mídias desempenham nas disputas políticas contemporâneas, destacando o ativismo da Igreja Universal na produção de controvérsias na esfera pública brasileira. Explorando as diferentes perspectivas teóricas sobre “mídia e religião”, busquei relacionar essa literatura com as formas que o neopentecostalismo - tomando a IURD como representativa deste movimento religioso - vem se apresentando no espaço público e tensionando a configuração da ordem jurídico-secular instituída no pós-redemocratização do país.

Deste modo, apontamos como a reconfiguração do secularismo brasileiro é marcada pela emergência do Pentecostalismo como religião pública, analisando a importância da incorporação de novas mídias no repertório religioso da IURD como fator de transformação das práticas de mediação religiosa. Assim, buscamos analisar as práticas de mediação religiosa e as dinâmicas de publicidade realizadas pela igreja em relação ao Templo de Salomão. Neste aspecto, foi analisada a publicidade da presença e circulação de atores de diferentes arenas, das formas de reconhecimento deles em relação ao Templo e também na forma específica que a visibilidade midiática permite apresentar o monumento religioso por meio das linguagens do jornalismo e do entretenimento.

Como foi observado, atribui-se nas falas apresentadas um lugar de sacralidade ao Templo, ao mesmo tempo em que se busca desvincular sua imagem como um local de pertença religiosa. Deste modo, nota-se como

28. Link de acesso: <https://blogs.oglobo.globo.com/guga-chacra/post/bolsonaro-sabe-que-eua-e-israel-adoptam-isolamento-social-contra-pandemia.html>. Data de acesso: 20 de julho de 2021.

sua função religiosa articula-se com noções da cultura e tradição judaica, que produz tanto a importância do Templo como um aparelho cultural e educativo sobre o povo Judeu quanto uma estética incorporada no repertório religioso da igreja.

Vimos como essa estética se materializa nos diferentes objetos, com destaque para a Arca da Aliança, e também como a IURD busca dar visibilidade a esses objetos em seus eventos, rituais e cerimônias, além de divulgá-los nos programas jornalísticos da TV Record. Contudo, destacamos também como essa formação estética não esteve restrita às catedrais, templos da Igreja Universal, mas se expandiu entre as igrejas pentecostais nas últimas décadas, tornando-se um estilo compartilhado capaz de evocar formas sensoriais produtoras de novos modos de engajamento e devoção no espaço público.

Neste sentido, apontamos como a participação central de autoridades ligadas ao Estado de Israel na produção de formas de reconhecimento e legitimidade pautadas na estética mítica de Israel. No plano político nacional, nota-se também como a ascensão de Jair Bolsonaro à presidência redimensionou a visibilidade dos evangélicos pentecostais na esfera pública brasileira. Seu engajamento e iniciativa de capitalizar a simpatia por esse segmento religioso colocou Bolsonaro como ator central na publicidade de performances, práticas, cerimônias e rituais pentecostais. A bandeira de Israel, por sua vez, tornou-se um símbolo religioso e político do Pentecostalismo, marcando presença em diferentes manifestações religiosas e políticas nos quais Bolsonaro foi protagonista.

Vemos, portanto, como a materialização da estética inspirada neste Israel Mítico nos mais diversos objetos, edifícios, cerimônias e símbolos pelas igrejas Pentecostais têm reconfigurado o espaço público em torno da disputa pela representação de uma identidade nacional judaico-cristã. Apesar de ainda não ser um discurso hegemônico, sua ampla circulação por autoridades políticas revela um fenômeno de extrema relevância. Deste modo, o crescimento da população evangélica e sua inserção nas mais diversas arenas públicas do país tem demonstrado o intento deste segmento na disputa da representação de uma identidade nacional na esfera pública brasileira, demarcando um lugar de diferença em relação ao imaginário Católico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Ronaldo de. 2019. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e crise brasileira. *Novos estudos CEBRAP* [online]. v. 38, n. 1. <https://doi.org/10.25091/S01013300201900010010>
- Almeida, Ronaldo de. A onda quebrada - evangélicos e conservadorismo. 2017. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 50. <https://doi.org/10.1590/18094449201700500001>

- Bandeira, Alexandre Dresch. 2018. A canibalização simbólica do Templo de Salomão pela Igreja Universal do Reino de Deus e a rabinização de Edir Macedo. *Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais*, [S.l.], v. 1, n. 2, jul. ISSN 2675-4290. Disponível em: <<https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/184>>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- Bazanini, Roberto, Jorge Miklos, Jorge Bazanini e Homero Giradeli. 2016. O mercado de bens simbólicos: a viabilidade política e midiática do Templo de Salomão junto aos stakeholders. *Comunicação & Inf.*, Goiânia, v. 19, n. 2, 106-126, jul./dez. DOI: 10.5216/ci.v19i2.36951. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/36951>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- Casanova, José. 1994. *Public Religion in the Modern World*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Ciochetti, Vitor Miranda. 2020. «Templos religiosos e esfera pública: o Templo de Salomão em perspectiva», *Ponto Urbe* [Online], ed. 26. 2020, posto online no dia 28 julho 2020, consultado o 25 março 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/8093>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.8093>
- Giumbelli, Emerson. 2014. *Símbolos Religiosos em Controvérsias*. Editora: Terceiro Nome, São Paulo.
- Giumbelli, Emerson, João Rickli e Rodrigo Toniol. (Org.). 2019. *Como as coisas importam: uma abordagem material da religião - textos de Birgit Meyer*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Gomes, Edlaine. 2011. *A Era das Catedrais: a autenticidade em exibição*. Garamond. Rio de Janeiro.
- Hjarvard, Stig. 2016. Mediatization and the changing authority of religion. *Media, Culture & Society* 38: p.17 - 18. <https://doi.org/10.1177/0163443715615412>
- Hjarvard, Stig. 2012. Mídia e cultura: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *MATRIZES*, [S. l.], v. 5, n. 2, 53-91. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v5i2p53-91>
- Hjarvard, Stig. 2008. The mediatization of religion: A theory of the media as agents of religious change. *Northern Lights*, v.6. DOI:10.1386/nl.6.1.9_1
- Lövheim, Mia e Stig Hjarvard. 2019. The Mediatized Conditions of Contemporary Religion: Critical Status and Future Directions. *Journal of Religion, Media and Digital Culture*. 8. 206-225. <https://doi.org/10.1163/21659214-00802002>
- Machado, Maria das Dores Campos e Joanildo Burity. 2014. A Ascensão Política dos Pentecostais no Brasil na Avaliação de Líderes Religiosos. *Dados* [online], vol.57, n.3, pp.601-631. <https://doi.org/10.1590/00115258201419>
- Mariano, Ricardo. 2004. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estud. av.* [online], vol.18, n.52. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300010>
- Mariano, Ricardo. 1999. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola.
- Martino, Luis Mauro Sá. 2019. Rumo a uma teoria da mediação: exercício conceitual e metodológico de sistematização. *Intexto*, Porto Alegre, RS, 16-34, abr. <https://doi.org/10.19132/1807-858320190.16-34>
- Martino, Luis Mauro Sá. 2012a. A religião midiaticizada nas fronteiras entre público e privado: uma abordagem teórico-crítica. *Rev. Ciberlegenda*, n.26. p.111-122. DOI:10.22409/c-
legenda.v0i26.26252
- Martino, Luis Mauro Sá. 2012b. Mediação e mediação da religião em suas articulações teóricas e práticas: um levantamento de hipóteses e problemáticas. In: *Mediação & mediação*. Salvador: EDUFBA, 219-244. <https://doi.org/10.7476/9788523212056>

- Montero, Paula. 2018. Religião cívica, religião civil, religião pública: continuidades e descontinuidades. Debates do NER, Porto Alegre, ano 19, n. 33, 15-39, jan./jul. <https://doi.org/10.22456/1982-8136.88037>
- Montero, Paula. 2015. "Religiões Públicas" ou religiões na Esfera Pública? Para uma crítica ao conceito de campo religioso de Pierre Bourdieu. Relig. soc. [online] vol.36, n.1, pp.128-150. <https://doi.org/10.1590/0100-85872016v36n1cap06>
- Montero, Paula. (Org.). 2015. Religião e controvérsias públicas: experiências, práticas sociais e discursos. Editora Terceiro Nome. São Paulo.
- Montero, Paula. 2009. « Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil », Etnográfica [Online], vol. 13 (1). DOI: 10.4000/etnografica.1195
- Montero, Paula, Aramis Luis Silva e Lilian Sales. 2018. Fazer religião em público: encenações religiosas e influência pública. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 24, n. 52, 131-164, Dec. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832018000300006>
- Souza, Livia Silva de. 2014. A midiaticização da cultura e da sociedade: Os estudos nórdicos de midiaticização e os caminhos para a apropriação brasileira. Revista USP (online) v. 6 n. 2. DOI: 10.11606/issn.1984-5057.v6i2p294-298. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/signosdoconsumo/article/view/105709>. Acesso em: 25 mar. 2022.
- Stolow, Jeremy. 2014. Religião e Mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. Religião & Sociedade [online], v. 34, n. 2. <https://doi.org/10.1590/S1984-04382014000200008>
- Storto, Letícia Jovelina e Marcelo da Silva Figueiredo. 2015. Templo de Salomão: arquitetura, argumentatividade e midiaticização. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 19 n.19, p. 259-273. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0934/aum.v19n19p259-273>
- Teixeira, Jacqueline Moraes. 2018. A conduta universal: governo de si e políticas de gênero na Igreja Universal do Reino de Deus. Tese de doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Vitor Miranda Ciochetti é graduado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP, 2021) e professor de Sociologia na rede pública de ensino do estado de São Paulo. Esse artigo apresenta os resultados obtidos na pesquisa de Iniciação Científica *O sagrado televisionado: perspectivas sobre o Templo de Salomão*, vinculada ao projeto temático *Religião, Direito e Secularismo: a reconfiguração do repertório cívico no Brasil contemporâneo*, do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. E-mail: vitorciochetti@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 04/03/2021
Reapresentado em: 28/07/2021
Aprovado em: 09/11/2021